

MARIA DO CARMO DO NASCIMENTO OLIVEIRA



CHARGE

ENSINO-APRENDIZAGEM NAS ARTES VISUAIS

GOVERNADOR VALADARES

2011

MARIA DO CARMO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

CHARGE

ENSINO-APRENDIZAGEM NAS ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Rodrigo Borges Coelho

Governador Valadares

2011

Oliveira, Maria do Carmo do Nascimento
Charge: Ensino-aprendizagem nas Artes Visuais:
Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Maria do Carmo do
Nascimento Oliveira – 2011
42 f.

Orientador (a): Rodrigo Borges Coelho

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Coelho, Rodrigo Borges
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas
Artes III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais**

Monografia intitulada “*Charge : Ensino-aprendizagem nas Artes Visuais*”, de autoria de *Maria do Carmo do Nascimento Oliveira*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Rodrigo Borges Coelho – EBA/UFMG

Maria Luiza Dias Viana – EAU/UFMG

Governador Valadares, 08 de outubro de 2011

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um demonstrativo do percurso percorrido pela autora em busca de aprofundamento e ampliação dos conhecimentos em relação ao ensino de Artes Visuais nas escolas brasileiras.

O acompanhamento dos tutores, orientadores e a convivência no grupo de trabalho foram além das possibilidades de novas aprendizagens e de sistematização de experiências. Possibilitaram a comprovação de que o ensino de Arte fornece subsídios para a melhoria da aprendizagem como um todo, permitindo a troca interdisciplinar e ampliando a dimensão criadora do aluno.

A todos que tornaram possível esse novo olhar, meus agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho destaca a utilização da charge, nas séries finais do Ensino Fundamental das escolas públicas. Comprova, através de experimentação empírica simplificada, que essa modalidade de desenho pode ser amplamente explorada pelo arte-educador, como instrumento eficaz na construção do processo de ensino-aprendizagem. Conhecer, analisar, interpretar e, sobretudo, desenhar charges possibilita ao aluno a aprendizagem das noções básicas de desenho, instiga a criatividade, amplia a visão de mundo. Auxilia também na aquisição das habilidades necessárias para o aluno concluir bem o Ensino Fundamental. A produção de charges permite um trabalho interdisciplinar. Serão citados diversos autores que apontaram para a necessidade dos arte-educadores buscarem estratégias que instiguem o aluno a criar como: Ana Mae Barbosa e Maria Felisminda de Rezende Fusari. Chargistas de destaque tais como: LUTE, Mário Vale e SANTO terão seus trabalhos contemplados. Também estão inclusos no contexto desse trabalho nomes como: Ernest Gombrich, Frederico Moraes, Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz, Rainer Souza, dentre outros.

Palavras-chave: Desenho, charge, ensino de artes visuais, técnicas de desenho, experimentação empírica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Charge de SANTO – Diário do Rio Doce, 2011	xx
Figura 2 – Charge de Mario Vale – Jornal Hoje em Dia, 2011	xx
Figura 3 – Charge de Lute - 2011	xx
Figura 4 – Charge de Lute - 2011	xx

SUMÁRIO

Introdução	09
1. O desenho como meio de expressão humana.....	11
1.1. O desenho e sua história	11
1.2. O desenho e suas possibilidades.....	13
2. Charge: “A arte de ser sintético”	15
3. A Charge na construção do processo de ensino aprendizagem nas Artes Visuais	20
3.1. Conhecendo e produzindo charges	21
3.2. Inclusão do trabalho com charge no planejamento de arte.....	23
4. Experimentação empírica	25
Considerações finais.....	29
Referências.....	31
Anexos	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito apresentar, referendar e destacar algumas das vantagens educacionais que a utilização da charge proporciona no processo de construção do conhecimento no ensino de Artes, na escola pública, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental. Através de experimentação, busca-se também, destacar tais possibilidades e benefícios advindos da sua utilização.

Desenhar uma charge torna-se um instrumento didático significativo, pois instiga a curiosidade em quase todos que a veem, sintetiza ideias, amplia o conhecimento e possibilita uma interface com outras disciplinas, já que no decorrer das aulas são criadas as condições necessárias à aquisição das habilidades necessárias para que o educando conclua bem essa modalidade de ensino.

Ao produzir Charges o aluno utilizará técnicas de desenho, tendo como foco principal um determinado fato ou situação que deseja retratar. Como o ato de desenhar é uma ação que acompanha o homem desde seus primórdios, acredita-se que o alunado, em sua maioria, se interessará por desenvolver esse campo de conhecimento. Caberá ao regente de Artes ampliar o conhecimento estético da turma, incentivando-os na busca de uma melhor qualidade em suas criações, mas respeitando sempre a livre expressão.

O arte-educador deverá buscar um referencial teórico e prático para embasar sua proposta de trabalho. Temas como: o desenho enquanto recurso visual e suas implicações; história do desenho; técnicas de desenho; criação de personagens; contextualização da charge, dentre outros, devem constar em seu planejamento e serem abordados previamente em sala de aula.

Pesquisa-se como essa estratégia poderá propiciar ao regente uma postura interdisciplinar que, nesse caso, pode ser entendida como uma interação livre e simples de comunicação de ideias entre as disciplinas do núcleo comum (Matemática, Português, Geografia, História, Ciências). Acredita-se que haverá uma maior valorização do Ensino de Arte, sobretudo para aqueles que ainda insistem em ver neste conteúdo somente um momento de “diversão”, que pouco acrescenta ao currículo escolar do aluno.

Propõe-se um estudo de que, se desenhada pelo próprio aluno, lida, interpretada e analisada, a charge pode tornar-se um excelente recurso didático. Busca-se discutir e comprovar que, se utilizada de forma planejada, essa estratégia poderá ir além dos objetivos previamente estipulados e se transformar numa fonte inspiradora para a produção de saberes.

1. O DESENHO COMO MEIO DE EXPRESSÃO HUMANA

A imagem visual é um ponto forte para a leitura e reflexão, pois ela se faz presente ao redor do ser humano, que é bombardeado a cada segundo por uma enormidade de informações. É necessário que se desenvolva uma mente seletiva para absorver todo esse universo. O ensino de Arte nas escolas deve referendar esse propósito, incluindo em seu programa atividades que estimulem o contato com o universo das imagens, canalizando-as em direção a construção do conhecimento,

Maria Felisminda de Rezende Fusari e Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz afirmam no livro *Arte na Educação Escolar*, que:

“(...) Devemos pensar num programa que possibilite diversificações, ampliações do nosso repertórios sensíveis-cognitivos e estudos que aprofundem modos de ver, observar, expressar e comunicar imagens (desenhadas, pintadas, gravadas, impressas, modeladas, eletrografadas, fotografadas, filmadas, televisionadas, videografadas, etc.)”.¹

O ato de desenhar se destaca dentre as inúmeras formas de representação do mundo. Em linhas gerais, através dele é possível externar sentimentos, ideias, posicionamentos, opiniões, em suma, expressar-se culturalmente. Não se pode conceber desenho apenas como uma brincadeira agradável para relaxar e acalmar. Desenhar é muito mais que isso. Pelo desenho, os seres humanos se expressam, além das barreiras do lúdico, pois sinalizam sua visão pessoal de mundo, registrando ideias e descobertas.

1.1 – O DESENHO E SUA HISTÓRIA

Em linhas gerais percebe-se que a história do desenho está diretamente ligada a História da Arte, não havendo, inicialmente, como dissociá-las. Ernest Gombrich em seu livro *A História da Arte* faz a seguinte colocação a respeito do

¹ FUSARI, Maria Felisminda de Rezende FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo. *Arte na Educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993

pintor flamengo Rubens (1557-1640) e do pintor e ilustrador alemão Albrech Durer (1471-1528):

“(...) Quando Rubens, o grande pintor flamengo, fez um desenho de seu filho pequeno, estava certamente orgulhoso de sua beleza. Também queria que admirássemos o menino. O grande pintor alemão Albrech Durer certamente desenhou a sua mãe com tanta devoção e amor quanto Rubens... pois o desenho de Durer, em sua grande sinceridade é uma grande obra de arte.”²

Nota-se que Gombrich ao destacar as diversas formas de percepção da arte, toma como exemplo duas obras em desenho que apresentam a beleza de uma criança e velhice de uma senhora. Ainda que não vislumbremos beleza na senhora, a devoção, o amor, a sinceridade e a destreza do artista tornam o desenho uma grande obra de arte.

O homem se expressa através do desenho desde a Pré-história. As atividades diárias do ser primitivo ficaram expostas para o mundo em seus desenhos. Os historiadores perceberam, analisando estes desenhos, a visão de mundo e as normas básicas de convívio desses ancestrais, manifestadas nos desenhos que produziram. Já na Antiguidade, a função do desenho, a princípio, era basicamente decorativa, adquirindo aos poucos uma funcionalidade principalmente nas representações cartográficas

A Idade Moderna foi um período ímpar para a concepção de arte, o ato de desenhar se sistematizou e o artista alçou voo. Ocorreu um aprofundamento da concepção do desenho enquanto forma de conhecimento. A utilização do papel tornou-se popular e desenhar passou a ser pré-requisito fundamental para se chegar a uma obra final e gerar novos significados. Derdyk afirma: “Ora é o papel mero suporte para a linha vaidosa, ora fundo para as encenações lineares, ora surge como luz, como figura, como valor, como presença” (DERDYK, 1889).

Por fim a Idade contemporânea traz mudanças significativas ao conceber o ato de desenhar e suas implicações como fundamentais no processo de desenvolvimento humano. Não havendo, portanto uma definição exata para o termo, pois constantemente são criadas inovações na técnica, nos estilos, com uma variedade de adeptos, que faz dessa arte uma fonte inesgotável de possibilidades.

² GOMBRICH, Ernest . A História da Arte. ed. LTC, 16ª Ed. 1950. página 2

1.2 - O DESENHO E SUAS POSSIBILIDADES

Desenha-se para dar forma a tudo que é visto, porém não há uma maneira única, pronta e acabada, pois ao desenhar, jamais poderá ocorrer a imparcialidade do sujeito. Haverá sempre uma interferência, pois cada pessoa possui um jeito próprio de percepção e compreensão de mundo, tendo também uma intenção. O resultado final é que cada produção tem um caráter único.

Essa exclusividade atrai, sobretudo as crianças e jovens, que além do caráter lúdico podem ser apresentados a inúmeras possibilidades, partindo para a aprendizagem sistemática das técnicas. Edith Derdyk em seu livro *Formas de pensar o Desenho*, afirma:

“Desenhar é uma atividade lúdica, reunindo o aspecto operacional e imaginário. Todo ato de brincar reúne esses dois aspectos. A operacionalidade envolve o funcionamento físico, temporal, espacial, material, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, imaginar situações. Ao desenhar, o espaço do papel se altera.”³

O desenho de alguns alunos, por ser uma forma de linguagem com características próprias que dizem respeito, diretamente, aos seus autores, podem ter sido pré-julgados pelos regentes ao longo da vida escolar e, considerados inexpressivos, inadequados ou outros adjetivos negativos. Tais práticas, podem impelir o aluno a acreditar que “não consegue” ou “não sabe” desenhar. Porém é comprovado que algumas técnicas podem ser desenvolvidas e treinadas, que favorecem a aquisição de habilidades para se desenhar, e que devem ser utilizadas em sala de aula, auxiliando os estudantes que se julgam inaptos para desenhar, e também para reforçar a capacidade daqueles que já se consideram capazes. A artista plástica Suelí Gallaccí ⁴ afirma em seu blog *a cor da gente*, que:

³ DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

⁴ Suelí Gallaccí é artista plástica e expõe seus trabalhos idéias e opiniões no Blog: *A cor da Gente*

“Para aqueles que encontram dificuldade com o desenho há uma regra simples, porém importantíssima: Tenham em mente que em tudo que vemos há uma forma geométrica "embutida". A melhor maneira de fazer um desenho é primeiramente achar essas formas geométricas que compõem cada item e traçá-las. Depois é só traçar as formas corretas e apagar os traços excedentes”.

O regente deverá criar condições para que todos os alunos possam realizar as atividades em sala de aula, portanto é necessário que alguns materiais básicos de desenho sejam providenciados previamente: lápis, apontador, borracha, caneta de ponta porosa e papel. Ao selecionar as técnicas adequadas para se produzir o que se pretende, o regente deve garantir que cada etapa do aprendizado seja observada pelo aluno, porém incentivando e garantindo ao mesmo tempo a liberdade de criação.

2. CHARGE: “A ARTE DE SER SINTÉTICO”

Dentre as inúmeras formas de se produzir um desenho, a charge torna-se uma das mais ricas, pois sintetiza uma ideia, um pensamento. Nela pode-se observar a representação de uma pessoa, um fato, uma situação ou pode-se apenas significar uma ideia ou pensamento particular do autor. Sendo ou não acompanhada por diálogos, traz em si uma crítica, ridicularização, denúncia, opinião. Podem ser percebidos também no contexto deste rico modo de expressão, elementos que provocam riso, análise, contradição.

Representar fatos/situações sociais e/ou políticas, bem como personagens de destaque de forma crítica e bem humorada tornou-se uma prática comum, sobretudo a partir do século XIX, com o surgimento de inúmeros periódicos e revistas com ilustrações desse tipo. Antônio Fausto Neto⁵, doutor em comunicação social e Carlos Renan Samuel Sanchotene⁶, graduado em jornalismo, afirmam no trabalho *O ingresso da charge na mídia: da litografia ao ciberespaço*, de acordo com estudos realizados, que:

“O primeiro exemplo no país de um desenho que busca representar a realidade de forma humorística data de 1831, na publicação *O Corcundão*, do estado de Pernambuco. A ilustração no jornal independente pode ser compreendida como uma crítica aos membros do Partido Restaurador, apelidados de “corcundas” pelos liberais e que, através da Sociedade Colunas do Trono, buscavam devolver a coroa a D. Pedro I, que dela havia abdicado cinco meses antes”.

Os pesquisadores afirmam ainda que:

“(...) Com o passar dos anos, o desenho de humor foi ganhando novos contornos devido aos avanços que possibilitaram o ingresso da charge em ambientes midiáticos distintos. Desde o primeiro desenho feito em uma grande e pesada pedra litográfica até os mais recentes em sofisticados softwares, os assuntos continuam os mesmos, mantendo qualidade artística e humor de

⁵ Doutor em Comunicação Social, Professor. Unisinos/Unifra

⁶ Graduando em Jornalismo, bolsista de iniciação científica. Unifra

personalidade. O que mudou foram os traços dos desenhistas, principalmente pelas mudanças tecnológicas na impressão, onde foram possibilitadas e talvez até impostas formas diferentes de desenhar frente ao mundo contemporâneo”.

Atualmente, encontramos charges em diversas fontes, como: livros específicos, jornais, revistas especializadas ou não, e em materiais didáticos de conteúdos diversificados, principalmente nos livros de História e Português de todos os níveis de ensino. Geralmente, as atividades sugeridas estão ligadas a análise e interpretação e, geralmente, não são dadas ao aluno chance de produzi-las. A variedade de estilos e formatos, de traços simples ou complexos, favorecem a identificação do aluno a um estilo ou o faz criar o seu próprio, inspirando-se na observação de trabalhos de artistas. A liberdade de expressão de uma charge é ilimitada, pois o artista define se utilizará legenda ou não, sendo opcional também diálogos ou quaisquer expressões escritas. O importante é a percepção da ideia da forma mais sintética possível através do desenho.

Como exemplos desses artistas citam-se chargistas brasileiros famosos como: Paulo Sérgio do Espírito Santo, nome artístico: SANTO⁷, Mário Vale⁸ e Lunarde Teles dos Santos, o LUTE⁹, cujos trabalhos constam na experimentação empírica que comprovará a eficácia da utilização de charges na prática pedagógica no Ensino de Artes e são encontrados facilmente em jornais mineiros, como O Diário do Rio Doce de Governador Valadares e Hoje em Dia de Belo Horizonte.

⁷ Chargista do Jornal Diário do Rio Doce. Governador Valadares. Minas Gerais.

⁸ Artista plástico, cartunista, autor e ilustrador. Publica seus trabalhos no Jornal Hoje em dia. Belo Horizonte Minas Gerais.

⁹ Chargista de opinião do jornal Hoje em Dia. Cartunista, ilustrador e artista plástico.

Figura 1



(Charge de SANTO, publicada no Diário do Rio Doce em 2011)

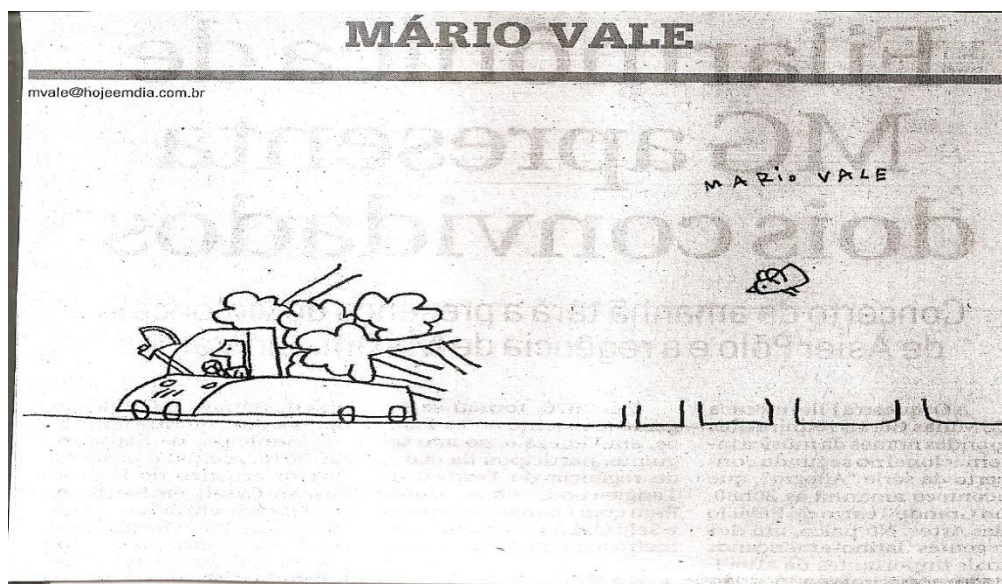
O artista SANTO publica charges no Diário do Rio Doce de Governador Valadares/MG a 9 anos. Foi animador dos Estúdios Hanna-Barbera e Walt Disney em Sidney, na Austrália, onde viveu por 6 anos. Publicou o livro "Como fazer desenhos animados" e a vídeo aula de mesmo nome.

Sendo selecionado esse trabalho pelo seu traçado relativamente simples, porém de um significado inquestionável. Percebe-se em suas charges uma certa predileção por temas ligados a preservação dos recursos naturais e meio ambiente. Os temas são sintetizados de forma clara e objetiva, o que facilita a interpretação.

A charge seguinte é de Mário Vale nasceu e reside em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela Universidade Católica de Minas Gerais. É artista plástico, cartunista, programador visual e autor/ilustrador de livros infantis. Possui trabalhos publicados em livros, jornais, revistas, e produziu desenhos animados para televisão. Trabalha com arte-educação, realizando oficinas de recorte, colagem e dobradura em papel.

Atualmente é o chargista do Jornal Hoje em Dia, em Belo Horizonte, Destaca-se por traduzir suas ideias de forma simples e direta, com traçados até, de certa forma infantis. Seus trabalhos abordam, em especial, a situação política, criticam a sociedade, destacam o trânsito brasileiro, a preservação ambiental, dentre outras situações da vida urbana.

Figura 2



(Charge publicada no Jornal Hoje em Dia, de Belo Horizonte, em 2011)

O terceiro artista a ser apresentado como exemplo é Lunar de Teles dos Santos, o LUTE. É natural de Carlos Chagas/MG. Formado em Artes Plásticas, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Escola Guignard, com especialização em pintura e pós-graduação em Arte Contemporânea. Há 10 anos, é chargista do jornal Hoje em Dia e tem trabalhos publicados em diversas revistas e jornais, tais como Veja, Foco, Economia, Minas Gerais, Ápice, Jornal. O Artista foi selecionado por seus traçados precisos e habilidosos ao caracterizar personalidades e pela forma de criticar e/ou opinar sobre problemas sociais, crises políticas, dentre outros temas.

Figura 3



Figura 4



(Figuras 3 e 4, charges de Lute publicadas em 2011)

Geralmente uma charge parte de uma temática que é sintetizada através do desenho. Ao desenhar fica registrada, em traços e formas exclusivas, sua interpretação dos fatos, vivências, experiências e/ou aprendizado. Sendo assim, trabalhar com charges em sala de aula é proveitoso pois reporta a inúmeras possibilidades, como se comprovará posteriormente neste trabalho, e se enquadra ao modelo de construção do conhecimento almejado pelos profissionais da educação, em sua grande maioria.

3. A CHARGE NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NAS ARTES VISUAIS

Tornou-se evidente nos espaços escolares que a educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico. Sendo as aulas bem refletidas e elaboradas, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais prevê, em seus objetivos que os alunos, ao final do Ensino fundamental, sejam capazes de:

“expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas”.¹⁰

Partindo dessa afirmação, observa-se que cabe ao arte educador planejar seu trabalho de forma a possibilitar o alcance das propostas de ensino do conteúdo.

Durante muito tempo o ensino de Arte não era visto no Brasil, enquanto conteúdo essencial para a formação humana. A maioria dos profissionais atuavam sem formação específica e os cursos e capacitações na área para esse conteúdo, não atendiam as necessidades educacionais. Fato que se comprova em partes do texto: *Teoria e prática em Arte nas escolas brasileiras*, extraído dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que são as orientações dadas pelo Governo Federal, em relação as diretrizes da educação brasileira:

(.) A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície,

¹⁰ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998. p.47.

que visa as comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar. (...)

Finalizando, aponta as ações necessárias para solucionar ou amenizar os problemas apontados em relação ao ensino/aprendizagem da disciplina:

“Faz-se necessário formar mais profissionais ou promover capacitações em âmbito regional, para atender principalmente os arte educadores que lecionam nas escolas públicas do interior, e que estes utilizem metodologias significativas, destacando uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte.”
11

Nessa visão o ensino de Arte amplia ainda mais seu espaço enquanto área de conhecimento, nas escolas em geral, quando o regente inclui em seu planejamento práticas pedagógicas que agregam várias possibilidades de ampliação da aprendizagem em Arte e nas demais áreas de ensino, o que é essencial para o desenvolvimento integral do aluno.

3.1 - CONHECENDO E PRODUZINDO CHARGES

Ao desenhar uma charge bem elaborada e criativa em sala de aula, o alunado, em sua maioria, se sentirá instigado a conhecer mais a respeito desse recurso. A partir daí é criado um clima favorável para a aquisição de conhecimento, se bem conduzido pelo regente, pois, devem ser, previamente apresentadas possibilidades de ampliação do conhecimento técnico e criadas as condições necessárias para o alcance dos objetivos propostos pelo arte educador.

A utilização efetiva da Charge no espaço escolar, pelos regentes de Arte do Ensino Fundamental, sobretudo nas séries finais, trará benefícios ao aprendizado de forma geral, já que o aluno se interessará ainda mais pela ação de desenhar, buscando nas técnicas a serem estudadas, aquelas que mais se adéquam ao estilo que pretende desenvolver e, sobretudo ampliará seu conhecimento estético,

¹¹ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais : arte / Teoria e prática do ensino de Artes nas escolas brasileiras. Brasília: MEC /SEF, 1998. P.20

sua capacidade de análise e visão de mundo, e as habilidade de expressão oral e escrita.

O Arte-educador deve buscar desenvolver práticas que abordem as inúmeras dimensões que seu conteúdo apresenta, sem nunca esgotá-lo. Não existe um programa ou metodologia pronta e definida. O regente deve ter bem planejados seus objetivos e intervir para que a meta seja atingida em cada etapa do trabalho e também replanejar, se necessário. É fundamental pesquisar muito para garantir que o aluno tenha aulas práticas de noções básicas de desenho, que o auxilie na ampliação do conhecimento estético e estimule sua criatividade para: criação de personagens, situações e/ou cenários, partindo sempre de um traçado simples, círculos, riscos. E acrescentará, a seu critério, cores, detalhes, sombras e quaisquer outras das técnicas aprendidas.

O manuseio de charges diversas e de diferentes artistas, deve ser favorecido em sala de aula, para que o educando, individual ou coletivamente, conheça, interprete, analise e se inspire nas mesmas. Tendo o aluno conhecido algumas das noções básicas do desenho, o arte-educador irá incentivar o diálogo, estimulando o aluno a opinar e ouvir opiniões, numa tentativa de incutir no mesmo o desejo de produzir seus próprios trabalhos.

Na elaboração do trabalho, deve-se observar que o aluno tenha liberdade de escolha de temas e também torna-se fundamental que se respeite a livre expressão. Para tal o regente deverá ter uma postura firme e segura diante dos mesmos, repelindo, no decorrer da aula, atos ou atitudes negativas que possam impedir o alcance das metas propostas. Porém deve sugerir e opinar, no decorrer da execução das charges, visando uma maior aquisição de habilidades técnicas, o que, certamente, valorizará ainda mais os trabalhos produzidos pelos alunos.

Ao escolher um tema, o aluno torna-se ciente do que irá realizar, porque e como representará as ideias. Ao regente, enquanto mediador de todo o processo, caberá apontar aos alunos a possibilidade de representar em suas charges temas que estão sendo estudados nos demais conteúdos, destacando suas opiniões, críticas, ideias ou percepções, encaminhando discussões e fomentando a pesquisa.

3.2 - INCLUSÃO DO TRABALHO COM CHARGE NO PLANEJAMENTO DE ARTE

O objetivo primordial da Educação Básica é desenvolver no aluno as competências necessárias para a sua real formação. A Lei Nº 11.114/2005, que altera artigos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece que o ensino fundamental terá a duração de 9 anos nas escolas públicas, descreve com clareza os objetivos da formação básica do cidadão em seu artigo 32º, dando-lhe a seguinte redação: “Art. 32º: O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.”¹²

Partindo dessa premissa, todas as disciplinas devem basear seus planejamentos anuais nesses objetivos comuns e o ensino de Arte, pode fornecer subsídios para o alcance das metas estabelecidas, a partir do momento que os profissionais do ensino de Arte envolvidos, reflitam e sendo necessário reestruture sua prática.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que, as competências necessárias à conclusão dessa modalidade de ensino serão atingidas, quando o aluno tiver desenvolvido as habilidades necessárias: para identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações problemas e

¹² BRASIL Lei nº 11.114, de 16 de Maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Legislação Federal. sítio eletrônico internet - planalto.gov.br

sintetizar. Cabendo ao arte-educador o planejamento de atividades que favoreçam essa aquisição.

Charge é um recurso importante para ser incluído no planejamento, por permitir, também, a interface com outros conteúdos. O arte-educador explorando as possibilidades do desenho, poderá amenizar a fragmentação, que caracteriza os programas de ensino atuais e favorecer a busca por uma abordagem mais integradora da ação de ensinar. Isso se torna real quando os alunos são colocados como sujeitos de sua aprendizagem.

Todas as fases do processo de produção dessa modalidade de desenho são proveitosas, se forem bem exploradas pelo regente de Arte, que poderá solicitar interpretações orais e/ou escritas, representação através de charges de assuntos diversos constantes no currículo escolar do aluno ou explorar a diversidade de temas considerados transversais, que desenvolvem o aluno enquanto cidadão. Porém é importante que o arte-educador parta sempre das produções do aluno, já que os objetivos da disciplina não podem ser desvirtuados.

4. EXPERIMENTAÇÃO EMPÍRICA

Foram realizadas três oficinas de produção de charges, no período de 11 a 15 de julho de 2011 na E. E. Pedro Ribeiro Cavalcante Filho, situada à Avenida Washington Luiz, 2401, Bairro Santa Rita em Governador Valadares – Minas Gerais, no turno matutino, com 93 alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A duração foi de 04 módulos/aulas de 50 minutos.

Aula 1 – DESENHO: NOÇÕES BÁSICAS

PRIMEIRA ETAPA

A primeira aula retratou basicamente o desenho livre e suas possibilidades, objetivando mostrar para o aluno que ele é capaz de se expressar através de seus desenhos, por mais simples que sejam, e ao aprender algumas técnicas suas produções irão se valorizar esteticamente, sobretudo para seus próprios olhos.

Os alunos, em sua maioria, se mostraram motivados a iniciar o trabalho proposto. Foi entregue, individualmente, o pequeno trecho, transcrito abaixo, da definição de desenho, dada por Frederico Moraes ao ser questionado sobre o que é desenho:

“É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa - linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, fórmulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos. (MORAES, 2005, p.18)”¹³

Em seguida foi solicitado que lessem e opinassem oralmente. O regente anotou no quadro as palavras chaves contidas nas conclusões do aluno a respeito de saber ou não saber desenhar. Quase que por unanimidade todos

¹³ MORAIS, Frederico. *Cildo Meireles: algum desenho [1963-2005]*. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 2005

concordaram que desenhar é uma atividade comum a todos e desenhar, unindo habilidade e técnicas específicas, pode torna-se bem mais prazeroso. Em seguida os alunos receberam um impresso contendo algumas técnicas que favorecem a aquisição de habilidades para desenhar, de acordo com a dicas dadas pela artista plástica Suelí Gallacci¹⁴ em seu site: “A cor da gente”¹⁵ e também uma cópia por grupo do livro “O ratinho e as cores” de Monique Félix.¹⁶

SEGUNDA ETAPA

Após os alunos recebem um impresso com três circunferências, foi solicitado que criassem um personagem, utilizando, a princípio, lápis e borracha.

O passo seguinte foi acrescentar, livremente, características ao seu personagens, tais como: definição do sexo, cabelos, barbas, bigodes, vestuário, calçados, asas, equipamento, expressão, movimento, enfim característica a critério de cada um. Em seguida foi repassado aos alunos algumas técnicas de perspectiva, sombreamento e utilização de cores. O último passo solicitado foi a criação de um cenário específico para o personagem criado.

Os alunos compartilharam materiais como: lápis de cores, régua, canetinha, dentre outros, e produziram trabalhos significativos, com grande variedade de personagens inventados (bonecos de neve, formiguinhas, caricaturas, bonecas e outros). Podemos observar também a utilização de várias das técnicas de desenho apresentadas (riscos, traços, sombreados, técnicas de coloração, dentre outras).

No ensino de artes, as atividades de desenho possuem um grande valor educativo e geram resultados plenamente satisfatórios, se bem planejadas e conduzidas.¹⁷

Aula 2 – A CHARGE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE IDÉIAS

¹⁴ Vide nota de número 4.

¹⁵ *a-cor-da-gente.blogspot.com/.../o-desenho-nao-e-bicho-de-7-cabecas.. visitado em 11 de maio de 2011*

¹⁶ FÉLIX, Monique: o ratinho e as cores. São Paulo: melhoramentos, 1991.

¹⁷ Alguns trabalhos realizados pelos alunos e fotografias específicas do momento, constam nos anexos desse trabalho.

PRIMEIRA ETAPA

A segunda oficina, também teve a duração de um módulo/aula de 50 minutos e ao dar início às atividades, percebeu-se uma motivação espontânea do alunado em geral e uma expectativa positiva em relação à oficina. O tema foi: A charge como forma de expressão de ideias. Foram utilizadas charges dos seguintes artistas: Mario Vale, Lute e Santo.¹⁸

Os alunos, divididos em grupos, após o manuseio do material exposto escolheram, livremente uma charge, analisando-a e tecendo comentários orais em seu grupo e escritos, individualmente, destacando o chargista e o motivo de sua escolha.

SEGUNDA ETAPA

As conclusões do grupo sobre a ideia central das charges, escolhidas pelos membros, foram socializadas através de um seminário. No encerramento foram avaliadas a utilização desta linguagem nos meios de comunicação atuais, levando em conta, os elementos presentes, tais como: o traçado do artista, a complexidade ou não do desenho, as cores, a sombra, os temas escolhidos e a facilidade ou não de entendimento da mensagem.

É necessário observar que a conclusão dos trabalhos deve ser dirigida pelo regente, tendo como base o período retratado e o entendimento sobre o que está sendo retratado, ressaltando o tipo de traçado e as técnicas que foram utilizadas: cores, formas, personagens retratados, e não apenas priorizando o contexto da charge. Deve ser frisado ainda que o humor e/ou a sátira são utilizados pelo chargista para expressar sua visão sobre determinado fato ou ideia, o que faz da charge um importante recurso para o desenvolvimento do pensamento (e do posicionamento) crítico.

Aulas 3 e 4 – PRODUÇÃO DE CHARGES.

PRIMEIRA ETAPA

¹⁸ Vide em anexos

A terceira e última oficina foi realizada em 02 módulos/aulas de 50 minutos cada e teve como tema: A charge e a sua utilização na compreensão de outros conteúdos do ensino.

O regente mostrou aos alunos, a princípio, os trabalhos produzidos nas aulas anteriores. Foi destacado nos desenhos previamente selecionados, as cores, formas, efeitos, expressões, estilo, traçados, ideias, valorizando de forma geral todas as produções realizadas e incentivando-os de forma geral.

Em seguida foi solicitado que selecionassem um tema ou assunto que desejassem ressaltar, dentre os temas estudados nas disciplinas de seu currículo escolar ou que tenha despertado seu interesse. Que se reportassem às informações repassadas ou registradas pelos alunos em seus cadernos e/ou livros, como forma de subsidiar os trabalhos. Após as escolhas, o regente pediu para que os mesmos imaginassem uma forma de representar com desenho o conteúdo ou a matéria selecionada.

SEGUNDA ETAPA

O passo subsequente foi produzir uma charge, escolhendo livremente, as técnicas a serem utilizadas, de acordo com as noções básicas repassadas nas aulas anteriores, ou seja, criação livre de personagens, escolha de cenário, tema, sendo lembrado aos alunos, que deveriam destacar no cabeçalho de seu trabalho as disciplinas que estariam abordando e o conteúdo.

Posteriormente foi realizada uma exposição com os trabalhos realizados para a socialização das produções entre os alunos da turma e posteriormente afixadas em mural na área externa da escola, para que todos pudessem conferir os resultados do trabalho.¹⁹

¹⁹ Ver em anexo algumas charges elaboradas pelos alunos em anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os educadores, de forma geral, sobretudo nas escolas públicas, no exercício de sua função lidam com diversos entraves no processo de aprendizagem, tais como: alunos desinteressados, indisciplinados, desrespeitosos, sem perspectivas para com o futuro. Práticas pedagógicas instigantes e bem planejadas, onde o foco principal seja o aluno e sua aprendizagem, são fundamentais para enfrentar esses dilemas.

O trabalho com charge é eficaz na prática pedagógica, no ensino de Artes, e em especial nas séries finais do Ensino Fundamental. Neste estudo teve resultados positivos, após análise dos materiais produzidos pelos alunos e avaliação das etapas de trabalhos.

O arte-educador auxilia o aluno na organização do seu pensamento, seja através da expressão oral ou escrita, buscando, ao refletir sobre um determinado assunto, fazer uma leitura crítica das fontes analisadas, estabelecendo relações, levantando questões, buscando respostas e expondo conclusões.

Atividades como as propostas nesse trabalho, embora não tenham o propósito de ser um “manual de instruções” de como ensinar Arte, tornam-se – fundamentais para que o regente repense a sua atuação, reveja os conteúdos, metodologias de ensino, procedimentos avaliativos, pesquisando e principalmente criando novas metodologias que permitam um ensino de Arte eficaz, que possibilite ao aluno a aquisição de habilidades que o conduzam à competência prevista ao final do seu nível de ensino.

No desenvolvimento do tema proposto, em sala de aula, o professor poderá avaliar os alunos a cada etapa do trabalho por meio das atividades orais incluídas no processo, como levantamento de hipóteses, debates, apresentação de conclusões, produção e apresentação de charges; também por meio das atividades escritas mencionadas nas aulas, relacionadas a consultas em material bibliográfico e à interpretação das charges trabalhadas.

Na prática do trabalho com charges, os alunos sentem-se desafiados e usufruem com propriedade da liberdade criadora que o ensino de Arte proporciona.

A experimentação apresentada no corpo desse trabalho foi realizada em 4 módulos/aulas. Ao regente cabe a elaboração do seu planejamento adequando-o à realidade de sua turma e/ou escola, podendo ampliar ainda mais a utilização do procedimento sugerido. O alunado poderá realizar a criação de charges englobando conteúdos diversos como situações escolares, da localidade onde residem, cidade estado ou país, diversificando assim ao longo do ano sua produção. É importante, finalmente, expô-las ao público, criando espaços de comunicação entre a produção realizada e o público.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil. Das origens ao modernismo*. São Paulo. Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989, p. 146

FÉLIX, Monique. *O ratinho e as cores*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1991.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende, FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo. *Arte na Educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMBRICH, Ernest . *A História da Arte*. Ed. LTC, 16ª Ed. 1950. página 2

MORAIS, Frederico. *Cildo Meireles: algum desenho [1963-2005]* . Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 2005

MORAES, Frederico. *Doze notas sobre o desenho*: Texto de abertura do jornal da galeria Nara Roesler. Rio de Janeiro, 1995

Parâmetros Curriculares Nacionais : Arte / Teoria e prática do ensino de Artes nas escolas brasileiras. Brasília: MEC /SEF, 1998.

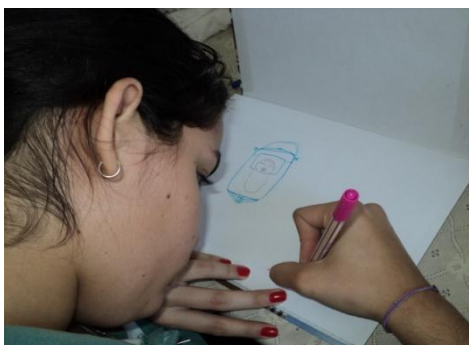
SOUZA, Rainer. *Estratégias para o ensino de charges*. Disponível em: <
[HTTP://educador.brasilecola.com/história-charges.htm](http://educador.brasilecola.com/história-charges.htm)> Acesso em: 05 de março de 2011.

<http://www.canalkids.com.br/arte/pintura/coresps.htm>

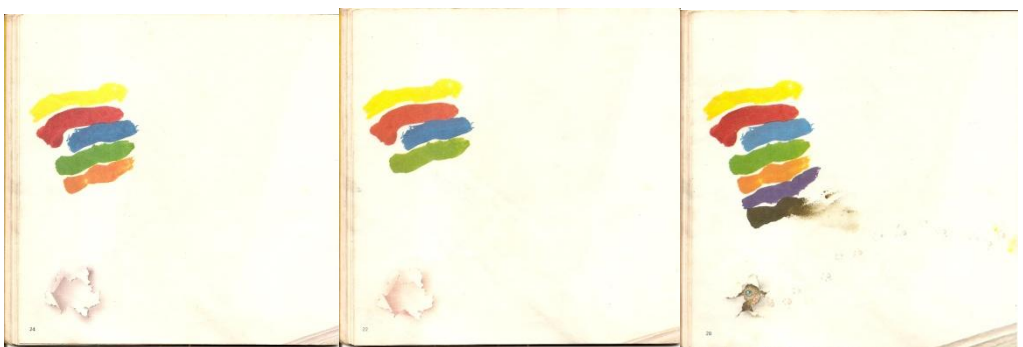
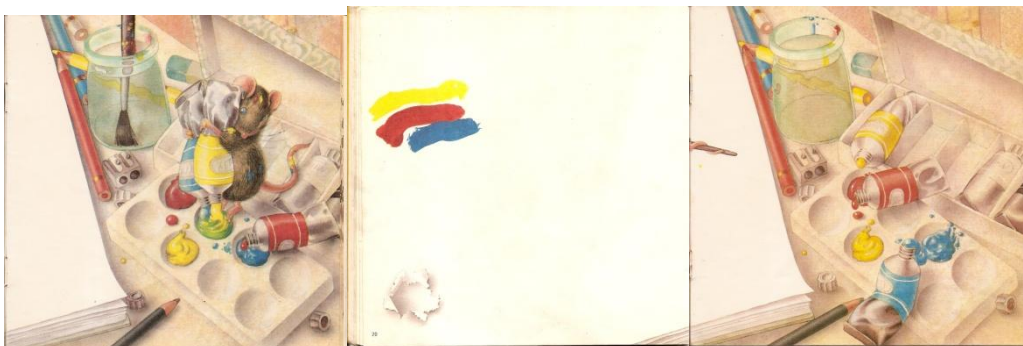
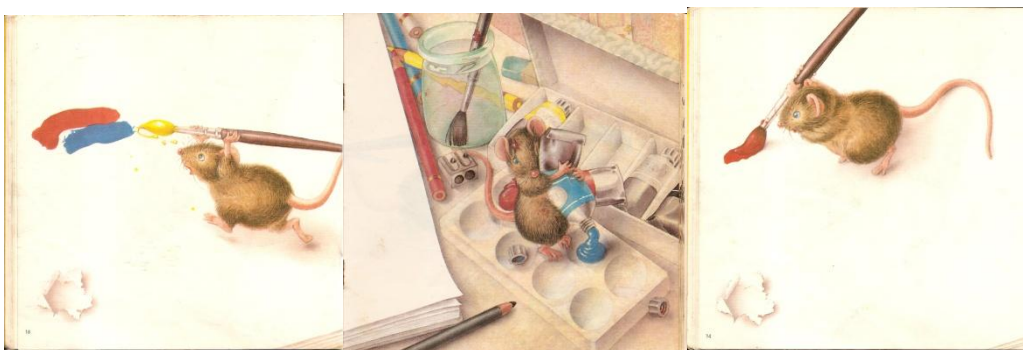
ANEXOS

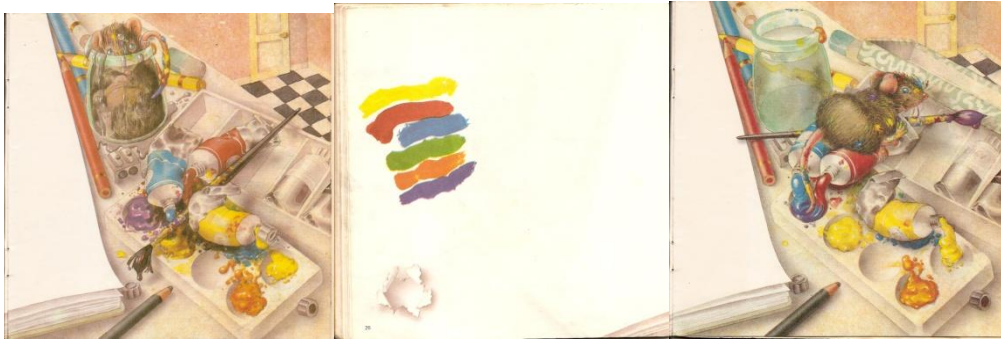
Aula 1 – Desenho livre: noções básicas

As turmas de 8º e 9º anos, em geral, se mostraram motivadas e interessadas em aprender no decorrer de todas as etapas do trabalho.



Aula 1 – Desenho: Noções básicas – Primeira etapa
Livro: O Ratinho e as Cores
Autora: Monique Félix





- Cores primárias: vermelho amarelo e azul.

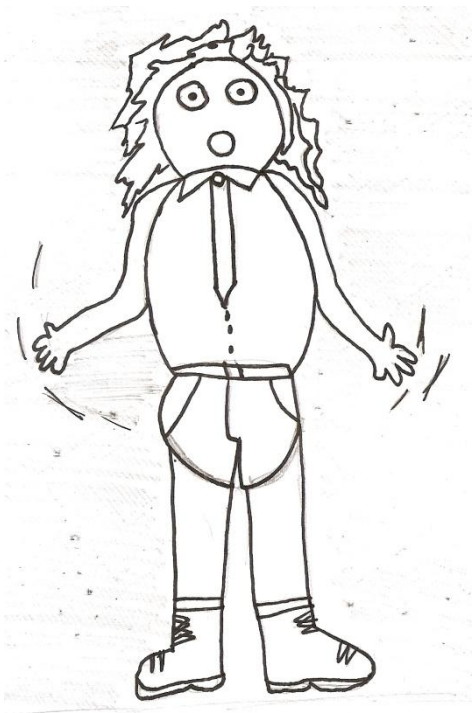
São as cores mais puras que existem. Com a mistura delas, a gente pode criar qualquer cor. Toda pintura que você faz, sempre tem alguma das cores primárias (nem que sejam misturadas).

- Cores secundárias: verde, roxo e laranja.

São formadas pela mistura de duas cores primárias. O verde vem da mistura de azul com amarelo. O roxo, de vermelho com azul. E o laranja, de amarelo com vermelho.

Aula 1 – Desenho: Noções básicas – Segunda etapa

Personagens criados por alunos dos 8º e 9º anos da E. E Pedro Ribeiro Cavalcante Filho, partindo de formas geométricas.



Brenda Kelle de Souza Oliveira, 14 anos. (Turma: 9º ano B)



Tatiana Werneck Franklin, 15 anos. (Turma: 9º ano C)



Fernando Rezende de Oliveira, 14 anos. (Turma: 9º ano B)



Israel Ferreira, 15 anos. (Turma: 9º ano B)

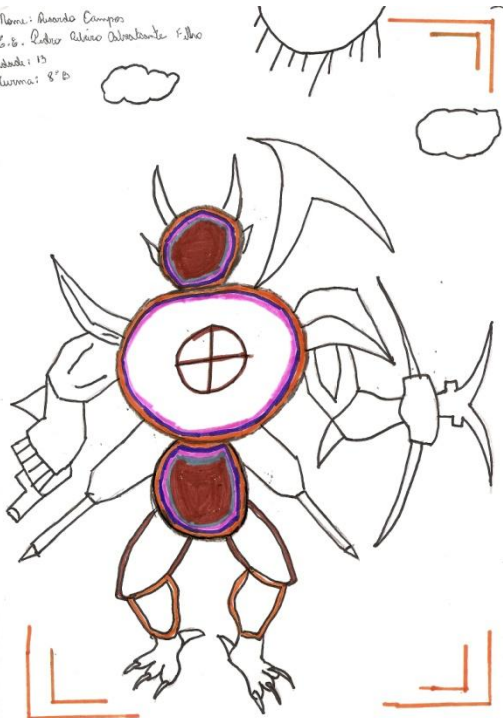
Aula 1 – Desenho: Noções básicas – Segunda etapa

Nos personagens abaixo nota-se riqueza de detalhes que expressam um claro entendimento das técnicas dadas.

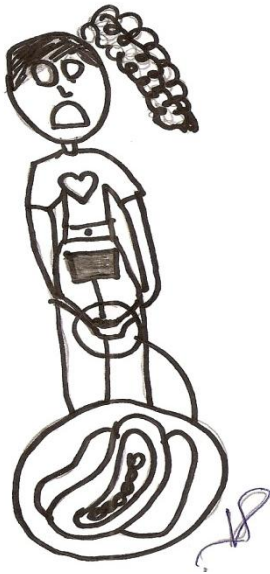


Yure Oliveira Silva, 15 anos. (Turma: 9º ano B)

Nome: Ricardo Campos
C.B.: Ricardo Adriano Diniz de Almeida Filho
idade: 13
Turma: 8º B



Ricardo Campos, 13 anos. (Turma: 8º ano)



Victoria Werneck Franklin, 12 anos. (Turma: 8º ano A)

Aula 2 – A Charge como forma de expressão de ideias.

Análise descrita da charge do chargista SANTO feita pela aluna Brendha Nascimento de Oliveira Nunes, 14 anos



Brendha nascimento de oliveira 14 anos
9º B
e.e. Pedro Severo Cavalcanti filho

Charge: "Eu escolhi essa charge pois, ela trata de um assunto muito popular e com muita urgência em resolver o problema ambiental: o desmatamento.

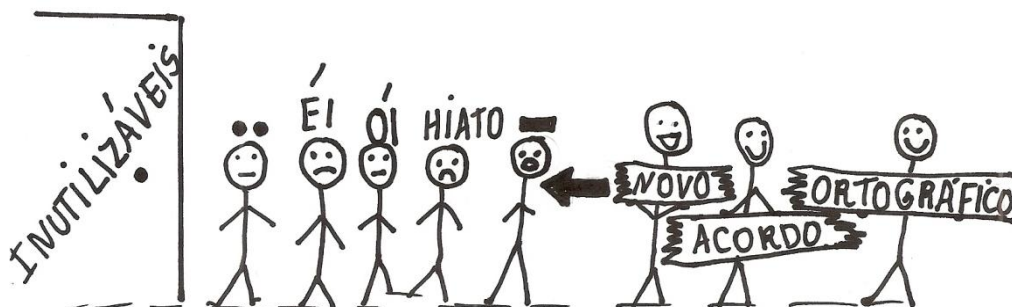
Além de tudo ela não precisa de legenda alguma para percebermos de que se trata".

S.O.S um pedido de socorro, ilustrado por quem realmente necessita de ajuda.. nesse

ambiente, nesse mar, nesse ar, nessa árvore!

Aulas 3 e 4 – Produção de charge.

As charges abaixo representam bem o objetivo da proposta de trabalho, pois as alunas utilizaram as técnicas e demonstraram com clareza, em seus desenhos, suas ideias e conteúdos. Nesse sentido o ensino de Arte cumpriu o seu papel na melhoria do aprendizado das mesmas.



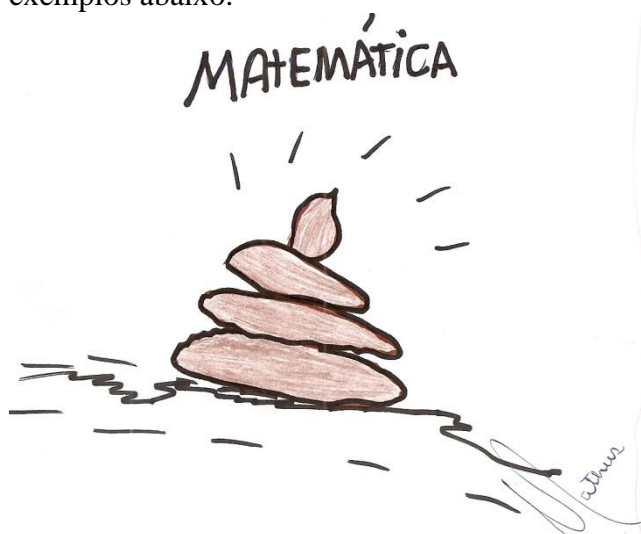
Tatiana Werneck Franklin, 15 anos. (Turma: 9º ano C)



Julie Ane Rosa de Oliveira, 16 anos. (Turma: 9º ano A)

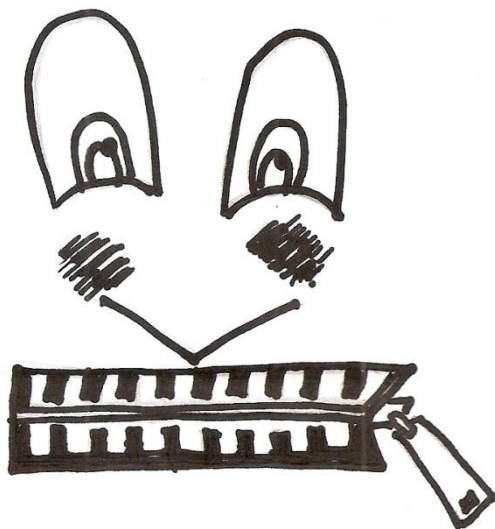
Aulas 3 e 4 – Produção de charge.

Alguns alunos representaram em suas charges ideias em relação a conteúdos da grade curricular de forma irônica ou até mesmo sarcástica. O que pode ser observado nos exemplos abaixo.

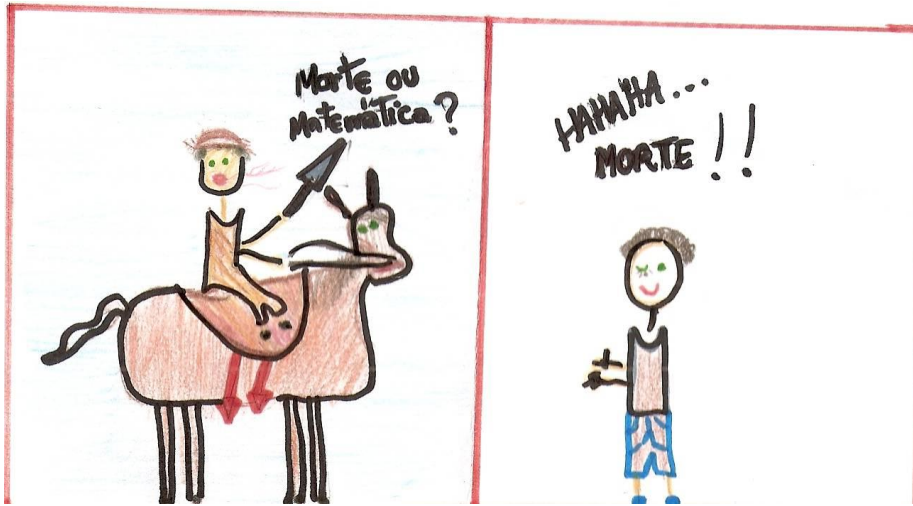


Luke Ribeiro, 15 anos. (Turma: 9º ano A)

Português ??



Matheus Ferreira Rocha, 15 anos. (Turma: 9º ano B)



Ana Clara Santos, 14 anos. (Turma: 9º ano)